

## SOBRE A EDUCAÇÃO DA SENSIBILIDADE, O ARTE-EDUCADOR E OS DESAFIOS DA PRÁTICA EDUCATIVA

Suely Galli SOARES

Professora no Curso de Educação Artística do Instituto de Artes,  
Comunicações e Turismo da PUC-Campinas

### RESUMO

*Este artigo é parte de um texto maior produzido com o objetivo de retratar o desenvolvimento e educação da sensibilidade. É dirigido a educadores e profissionais que acreditam na criatividade como recurso de renovação da prática cotidiana que desgasta e endurece o ser humano, distanciando-o das coisas simples e delicadas que permeiam a existência humana.*

*Palavras-chave: Educação. Sensibilidade. Criatividade.*

### ABSTRACT

*This article is part of a bigger text produced to portray the development and the education of the professionals who believe in creativity as a recourse of everyday renewal practice which wears down and hardens the human being. It also puts in a distance the simple and delicate things that permeate the human existence.*

*Key words: Education. Sensibility. Creativity.*

**A** parte mais rica do indivíduo, que é a sua sensibilidade - sua capacidade de amar e de odiar, sua capacidade de se relacionar de maneira erótica com o mundo -, tem sido desprezada. Temos ensinado o homem a ser obediente, servil, pacífico, incompetente e a depositar todas as suas esperanças num poder maior ou no fim das tempestades. (RODRIGUES, 1985:111)

Num mundo em que as maravilhas eletrônicas concorrem com toda e qualquer expressão de atividade ou inspiração humana torna-se desleal afirmar que o educador encontra-se atrasado ou desatualizado em sua comunicação desenvolvida no ato de ensinar. Hoje o trabalho realizado em sala-de-aula, na maioria das instituições de ensino, encontra-se preso a posturas tradicionais, ultrapassadas, em que a aula expositiva representa ainda o único instrumento de transmissão do conhecimento.

Isso faz com que os educandos, acostumados aos fantásticos meios de comunicação que atingem o alvo do interesse e motivação numa estratégia de criação subsidiada pela tecnologia, reclamem da mesmice que se estabelece na experiência acadêmica.

Recaem sobre o professor exigências que nem sempre estão disponíveis para ele. Vivemos numa sociedade de desvalorização crescente do professor ou do educador, fazendo desse importante interlocutor da ciência uma figura pouco reconhecida em seu trabalho pedagógico e social. Poucos são os educadores que se percebem ainda capazes de riscar seu próprio desenho, compor seu verso, pintar seu quadro, representar seu personagem favorito, sonhar seu próprio sonho, num esforço constante de atenção e renovação de si mesmos, educando-se com cada educando seu, reconhecendo que:

“É preciso sonhar

mas com a condição de crer em nossos sonhos

de examinar com atenção a vida real

de confrontar nossa observação com nosso sonho

de realizar escrupulosamente nossa fantasia.” (Lênin)

Ao nos desafiar a realizar escrupulosamente nossas fantasias estamos apelando para a coragem de desvelar o artista que nos habita, por reconhecermos o artista como aquele que não perdeu a magia do proces-

Sobre a educação da sensibilidade, o arte-educador...

so de recriação, no qual mostra a realidade como passível de ser transformada, reorganizada, tornada brinquedo, poesia e desenho.

---

---

“O educador também se educa ao praticar a educação”.

---

---

“A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade.” (FREIRE, 1977:24)

As mordanças e as prisões, que calam a voz, inibem o traço, impedem a poesia, endurecem o ser e dificultam a expressividade, desenvolvem-se no indivíduo em contato

com a sociedade e com as frustrações e fracassos gerados na relação com modelos e valores nela estabelecidos.

Para que a educação se realize na dinâmica dos processos e dos nexos entre experiência empírica e saber sistematizado, teoria e prática, mediadas pelo educador, é preciso que este disponha de ferramentas indispensáveis ao trabalho educativo. E quais seriam essas ferramentas?

Além do conhecimento atualizado sobre sua disciplina ou atividade educacional, de metodologias próprias e compatíveis com sua visão de mundo, o educador necessita ter desenvolvida a **sensibilidade** para diagnosticar contradições, não apenas da prática educativa, mas das questões do homem, da sociedade, da natureza e da cultura. A **sensibilidade** é esse elemento coadjuvante da educação vista no seu sentido mais amplo, por considerar a totalidade da existência social do indivíduo. Paulo Freire, ao referir-se à educação do homem como um ser social, menciona o indivíduo situado *no mundo e com ele*, o que caracteriza a contextualização histórica e social da educação.

O fenômeno educativo se processa nessa relação entre ensino e aprendizagem num contexto histórico e social pela prática pedagógica comprometida com a formação do indivíduo como ser histórico, político e social. Porém, o educador também se educa ao praticar a educação. Sua educação se dá com a ajuda da sensibilidade que desenvolve na relação com o outro e essa sensibilidade se aguça quanto mais praticada for.

A avaliação da prática educativa se dá na observação cotidiana das atividades e realizações pedagógicas que se expressam das mais dife-

rentes formas e situações pelo educando e que requerem leitura apurada para ser compreendida pelo educador.

A reação expressa pelo educando na experiência da aprendizagem ou da não-aprendizagem é o termômetro que, para ser lido e interpretado, exige um educador que tenha sensibilidade para captar, nelas, as mensagens contidas.

A reação é de prazer pelo sucesso da apropriação do conhecimento? É de dúvida e incerteza sobre o conhecimento? É de ansiedade e dificuldade? Ou de ansiedade e rapidez de raciocínio e compreensão? É de incógnita, daquele que nem sequer consegue expressar o sentimento diante da situação de ensino e aprendizagem?

A inexpressão acaba tendo um significado extremamente expressivo. É preciso o mínimo de envolvimento pedagógico para o desenvolvimento do sentimento no educando, seja ele de entendimento ou de não entendimento, de sucesso ou de fracasso.

O que vemos hoje em dia, com certa frequência, é essa expressão de incógnita nas reações do aluno diante da aventura que traduz a produção do conhecimento. Isso deve ser preocupante para o educador. A ausência de reação pode ser um alarme de denúncia contra metodologias divorciadas de objetivos, incompatíveis com os conteúdos e ainda estéreis de avaliação, porque não recriam os caminhos para a aprendizagem, denunciam a falta de sensibilidade do professor, que muitas vezes não capta as reações dos alunos ou nem mesmo está atento para elas.

Não basta apenas perceber as reações e os sentimentos; é preciso senso crítico, atitudes de investigador para interpretá-las, compreendê-las, respeitá-las e, sobretudo, considerá-las como ferramentas de avaliação e planejamento do trabalho educativo.

A sensibilidade é dada pelos sentidos humanos e seu grau de desenvolvimento é revelado pelas reações diante das experiências vivenciadas. Maior ou menor sensibilidade para esta ou aquela situação caracteriza as diferenças individuais e certamente culturais.

É muito comum tratar o professor de Educação Artística como o arte-educador; no entanto, o professor de Matemática, de Física, de Literatura, de Ciências Biológicas, de História, enfim de qualquer disciplina, pode ser também um arte-educador na medida em que desenvolve com

Sobre a educação da sensibilidade, o arte-educador...

criatividade sua metodologia de ensino, enriquecida de toda expressividade dirigida para a comunicação do conhecimento, motivação da aprendizagem e desafios permanentes do animador de platéias que é o educador. Platéias exigentes e conhecedoras da arte da comunicação com as quais ele convive no dia a dia pelo rádio, televisão e publicidade, que visita desde a mesa do café da manhã até o último gesto de apagar a luz e dormir. Comunicação que exhibe cores, movimentos, palavras-chave, argumentos, imagens, ícones, num mundo de idéias que relacionam coisas e fatos que fazem parte das vidas das pessoas e que ancoram desejos e fantasias num êxtase excitante e prazeroso.

É esse universo de comunicação que desafia o arte-educador a cada encontro com seus alunos e sua disciplina, num gesto que não inclui insegurança ou dúvida. A certeza do que ensinar, do por que e para que ensinar e sobretudo do para quem ensinar demonstra que o educador conhece os conteúdos e objetivos de sua disciplina; tem certeza do porque ensinar este ou aquele assunto; é convincente ao argumentar sobre a importância e a utilidade para que servem os conteúdos que desenvolve, e mais, o conhecimento que tem sobre para quem ele ensina: os alunos, quem são eles, quais são as suas expectativas, com que sonham? Como pode a disciplina com a qual trabalha despertar ou aflorar os sonhos e as fantasias de seus alunos?

Isso tudo é possível se ele, o educador, também sonhar. Sonhar sonhos confrontados com a realidade, e em cujo potencial de realização crê e para tal trabalha; enfim, sonhos que transparecem na prática cotidiana e que costumeiramente vêm para desgastar e esvaziar aquele que diariamente se dirige para diante da platéia de alunos, sempre sedenta por algo novo.

“É importante que nos descubramos como sujeitos ainda capazes de criar. Se ficarmos presos à nossa impossibilidade de seguirmos o nosso próprio desígnio, de dizermos a nossa própria palavra, as circunstâncias não serão jamais modificadas e o desenho ficará para sempre perdido na primeira infância” (MOREIRA, 1987:126)

Na primeira infância, a naturalidade e liberdade estão ainda intocadas pelos modelos e estereótipos padrões da sociedade. Livre da

censura que determina o certo e o errado, o bonito e o feio, o bom e o mau, a criança expressa seu desenho e arte com espontaneidade e graça revestidas de beleza e originalidade.

Na segunda infância, já encontraremos a criança adentrando o mundo da sociedade pelas portas da escola. Ali, ela aprenderá como deve se portar para ser aceita e participar como adulto bem sucedido na sociedade. Saberá o lugar das coisas, suas formas segundo a natureza, suas cores, enfim seus moldes.

A árvore pintada de azul na primeira infância deverá agora ser pintada de verde, com tronco marrom e frutinhas vermelhas. Tudo terá uma ordem a seguir e repetir.

Na adolescência, a luta para ser aceito nos grupos e tribos faz com que a criança, que sobreviveu aos padrões inculcados pela escola, desapareça de vez, pois agora é preciso imitar e quem imitar melhor será aceito. Mas imitar o que? E quem? Certamente modelos pré-fabricados, pois nada é improvisado na sociedade capitalista. É na adolescência que se disseminará o consumismo. O desejo de criar, brincar, inventar será substituído pela imitação e cópia de modelos projetados para serem possuídos.

Quando adulto, a tendência é deixar as coisas da infância para tornar-se responsável como se espera que deva ser. Como se responsabilidade e delicadeza de sentimentos não se ajustassem. Como se o modelo de adulto reconhecido fosse o da pessoa séria e enquadrada. Ou seja, endurecida pela educação que padroniza segundo modelo que não considera a individualidade da expressão de cada ser.

Eis a dimensão do compromisso do arte-educador de qualquer disciplina. E para dedicarmos uma parte em especial ao educador artista, arte-educador ou professor de Educação Artística na escola, sua tarefa define uma prática que pressupõe domínio das diferentes expressões da arte somada à sensibilidade, para transmitir ou recriar, com seu próprio corpo, voz e alma, o conhecimento da humanidade, recriando, assim, para a experiência de cada indivíduo aluno, todo o acervo cultural da experiência acumulada pela sociedade humana, traduzida na linguagem na comunicação e na expressão da arte, numa conexão do homem com o universo do conhecimento.

Sobre a educação da sensibilidade, o arte-educador...

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo, **Ação cultural para liberdade**, Rio de Janeiro. Paz e Terra: 1977.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. Loyola. São Paulo. 1987.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do Príncipe e outras lições**, São Paulo. Cortez, 1985.